

Artigos

Classificação de autores, instituições e países, por meio de métricas de produção, centralidade e impacto: O campo de turismo no Brasil (periódicos), 1990-2018

Classification of authors, institutions, and countries, using productivity, centrality, and impact metrics: The field of tourism studies in Brazil (journals), 1990-2018

Clasificación de autores, instituciones y países, utilizando métricas de producción, centralidad e impacto: El campo del turismo en Brasil (revistas científicas), 1990-2018

André Fontan Köhler¹, Luciano Antonio Digiampietri¹

¹Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

Palavras-chave:

Turismo e ciência da informação;
Produção científica;
Periódico;
Bibliometria.

Keywords:

Tourism and information science;
Scientific production;
Journals;
Bibliometrics.

Palabras clave:

Turismo y ciencias de la información;
Producción científica;
Revistas científicas;
Bibliometría.

Resumo

Trabalha-se com o conjunto de periódicos brasileiros de turismo, mas particularmente com os 3.887 artigos publicados em 16 revistas, no período 1990-2018. Há três objetivos principais, a saber: a) construir rankings de autores, instituições e países do campo de turismo no Brasil, segundo métricas de produção, centralidade e impacto, nos períodos 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018; b) caracterizar os elementos mais importantes – aqueles que aparecem nas primeiras posições desses rankings; e c) comparar os resultados desses rankings aos obtidos com a aplicação do Índice H. Foi feito um estudo bibliométrico e de redes, com coleta de dados e revisão e desambiguação manuais; foram calculadas métricas de produção (contagem simples e fracionada), centralidade (grau, intermediação e Page Rank) e impacto (baseadas nas citações reais). Em resumo, os principais pesquisadores trabalham em instituições do Sul e Sudeste do país, e estão vinculados a programas de pós-graduação stricto sensu. Para as instituições, ter um programa de pós-graduação stricto sensu em turismo ou campo correlato parece ser um fator-chave; a Universidade de São Paulo e a Universidade do Vale do Itajaí claramente se destacam das demais, em toda e qualquer métrica. O Brasil ocupa a primeira posição em produção, centralidade e impacto, seguido sempre pela Espanha.

Abstract

We investigated the set of Brazilian tourism journals, specifically 3,887 articles published in 16 journals, from 1990 to 2018. The three main objectives of this study are: a) to rank authors, institutions, and countries in the field of tourism studies in Brazil, using productivity, centrality, and impact metrics, for 1990-1999, 1990-2009, and 1990-2018; b) to characterize the leading elements – i.e. top-ranked ones; and c) to compare these rankings with h-index based rankings. A bibliometric and social network study was carried out, with manual data collection and revision and disambiguation. Productivity (full and fractional counting), centrality (degree, betweenness, and PageRank), and impact (based on actual citations) metrics were calculated. In summary, the leading authors are affiliated with institutions in the South and Southeast regions of Brazil, and they are linked to graduate programs. For institutions, offering a graduate program in tourism or in a related field seems to be a key factor. The University of São Paulo (USP) and the University of Vale do Itajaí (UNIVALI) clearly stand out in all metrics. Brazil occupies the first position in productivity, centrality, and impact, followed by Spain.

Resumen

Este trabajo analiza el conjunto de revistas del turismo brasileñas, específicamente los 3,887 artículos publicados en 16 revistas científicas, en 1990-2018. Hay tres objetivos principales, a saber:

Revisado em pares.

Recebido em: 19/05/2020.

Aprovado em: 25/11/2020.

Editor:

Glauber Eduardo de Oliveira Santos



a) construir clasificaciones de autores, instituciones y países en el campo del turismo en Brasil, utilizando métricas de producción, centralidad e impacto, en 1990-1999, 1990-2009 y 1990-2018; b) caracterizar los elementos más importantes: aquellos que aparecen en las primeras posiciones de estas clasificaciones; y c) comparar los resultados con los obtenidos con la aplicación del índice h. Se realizó un estudio bibliométrico y de redes sociales, con recolección de datos, revisión manual y desambiguación. Se calculó las métricas de producción (conteo simple y fraccional), centralidad (grado, intermediación y Page Rank) e impacto (basado en las citas reales). Los principales investigadores trabajan en instituciones en las regiones Sur y Sudeste del país y están vinculados a programas de posgrado estrictos. Para las instituciones, tener un programa de posgrado estricto en turismo o un campo relacionado parece ser un factor clave. La Universidade de São Paulo y la Universidade do Vale do Itajaí se destacan claramente del resto, en todas las métricas. Brasil ocupa el primer puesto en producción, centralidad e impacto, siempre seguido por España.

Como Citar: Köhler, A. F.; Digiampietri, L. A. (2021). Classificação de autores, instituições e países, por meio de métricas de produção, centralidade e impacto: o campo de turismo no Brasil (periódicos), 1990-2018. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo*, 15 (3), e-2035, set./dez. <http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v15i3.2035>

1 INTRODUÇÃO

Segundo Tribe (1997), o turismo consiste em três dimensões. Primeiro, ele é um fenômeno do mundo exterior; a maioria das definições de turismo centra-se nessa dimensão. Segundo, há o estudo do turismo, que se centra em torno de uma comunidade acadêmica. Terceiro, há a educação e treinamento em turismo, cujos elementos mais visíveis são os cursos superiores em turismo.

Há já certo consenso na literatura de que o turismo consiste em um campo de conhecimento, e não em uma ciência ou disciplina (Tribe, 1997, 2000, 2010; Racherla & Hu, 2010; Benckendorff & Zehrer, 2013); segundo Tribe (2010), ele divide-se nos seguintes subcampos: a) administração/gestão e negócios turísticos; e b) tópicos não voltados à administração/gestão e negócios turísticos (ciências sociais).

O turismo é avaliado como um campo de conhecimento ainda em amadurecimento; ele é fragmentado e interdisciplinar, e não conta com uma abordagem teórica unificada, mas sim com abordagens teóricas múltiplas, derivadas e advindas do conjunto de disciplinas que trabalham com o fenômeno do turismo (Racherla & Hu, 2010; Benckendorff & Zehrer, 2013). Por meio da bibliometria, é possível mais bem descrever e compreender o campo de turismo.

A bibliometria pode ser definida como a caracterização, a avaliação e o acompanhamento de determinada ciência, disciplina ou campo de conhecimento; isso se dá por meio de dados como, por exemplo, citações recebidas, referências bibliográficas utilizadas, autoria e palavras-chave. Os estudos bibliométricos permitem-nos compreender, para a ciência, disciplina ou campo em questão, o estado atual e a trajetória de sua estrutura intelectual, de sua estrutura social e de suas estruturas conceituais (Koseoglu, Rahimi, Okumus, & Liu, 2016). Como bem colocam Benckendorff e Zehrer (2013), a bibliometria permite que os pesquisadores estudem o turismo como um sistema de construção de conhecimento.

Além disso, a pesquisa bibliométrica permite que se discutam e se desenvolvam métodos, índices e métricas para a avaliação da pesquisa científica e de pesquisadores, instituições, programas de pós-graduação *stricto sensu* e até mesmo países (Koseoglu et al., 2016). Os estudos bibliométricos permitem o mapeamento dos temas e dos objetos de estudo, das metodologias de pesquisa e dos marcos teóricos mais utilizados, bem como das ausências e lacunas da literatura, por meio de técnicas e cálculos matemáticos e estatísticos.

A pesquisa bibliométrica permite também a construção de *rankings* de elementos – autores, instituições, programas de pós-graduação *stricto sensu*, países etc. –, por meio do cálculo e da combinação de métricas quantitativas acerca de pontos importantes de avaliação, como, por exemplo, a produção/produktividade, a centralidade (na rede de coautorias) e o impacto (citações recebidas).

O periódico científico é uma componente central de todo e qualquer ciência, disciplina e campo de conhecimento. Segundo Weiner (2001), ele presta-se a três funções básicas. Primeiro, o periódico científico é responsável pela produção, disseminação e troca de conhecimento acadêmico. Segundo, ele provê um meio para a avaliação e classificação da pesquisa e da produção científica, inclusive para fins de alocação de recursos. Terceiro, sua produção pode ser utilizada para basear e justificar a contratação e promoção de docentes e pesquisadores, assim como para avaliar o desempenho de indivíduos, universidades e programas de pós-graduação *stricto sensu*. Santos e Rejowski (2013) consideram o periódico como o principal meio formal de comunicação científica.

A publicação, a leitura e a citação de artigos de um periódico fazem com que o pesquisador assumam um triplo papel no processo de comunicação científica – produtor, disseminador e consumidor.

Como bem sintetiza Page (2005), a crescente competição por recursos públicos tem levado a tentativas de se medir a quantidade, a qualidade e a excelência da pesquisa científica de autores e instituições, o que tem acarretado no surgimento de inúmeros métodos de avaliação e de classificação de artigos, autores, instituições e até mesmo países. Grande parte desses métodos de avaliação baseia-se em métricas quantitativas, a partir da bibliometria e análise de redes sociais.

Tem havido o surgimento de uma crescente competição entre universidades e centros de pesquisa, o que se reflete, em muitos países, na tentativa de se contratar professores e pesquisadores com alta produtividade de artigos científicos em periódicos indexados, de preferência nos mais bem avaliados de seu campo de conhecimento, disciplina ou ciência (McCarty, Jawitz, Hopkins, & Goldman, 2013).

Outro resultado dessa competição foi a criação de estruturas administrativas e burocráticas, no plano nacional e mesmo em algumas universidades, que se responsabilizam pela alocação de fundos para a pesquisa e pela definição e medição da “qualidade” em pesquisa. Provavelmente, essa alocação de fundos e a política de contratações por meio de medidas de produção e de impacto foram os fatores decisivos para o crescimento de estudos bibliométricos que avaliam e classificam autores, instituições e periódicos científicos, geralmente por meio da construção de *rankings*, bem como de trabalhos que discutem a pertinência e a validade dos métodos utilizados e dos resultados alcançados (McKercher, 2008; Hall, 2011).

No Brasil, o estabelecimento de normas e de sistemas de avaliação é de responsabilidade da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação pública vinculada ao Ministério da Educação, tanto para os programas de pós-graduação *stricto sensu* quanto para os periódicos científicos. O campo de turismo faz parte da Área 27 (Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo).

O presente artigo é um estudo bibliométrico que calcula e analisa métricas avaliativas e relacionais, contemplando medidas de produção, de centralidade e de impacto para autores, instituições e países. Para cada um desses três elementos, são construídos *rankings* para cada um dos três grupos de métricas (produção, centralidade e impacto), nos períodos 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018. Com base no cruzamento dos vários *rankings* apresentados, analisam-se as similaridades e as diferenças entre eles, bem como o conjunto de pesquisadores mais importantes do campo de turismo no Brasil, segundo os critérios da presente pesquisa.

O objeto de estudo é o conjunto de periódicos científicos brasileiros do campo de turismo, mais particularmente os artigos neles publicados. A exemplo do que é feito na maior parte dos estudos bibliométricos do campo de turismo – ver, por exemplo, Benckendorff e Zehrer (2013), Strandberg, Nath, Hemmatdar e Jahwash (2018) e Racherla e Hu (2010) –, apenas os artigos completos foram contemplados; descartaram-se editoriais, resenhas, entrevistas e todo o resto.

Ao contrário do que é mais comum de encontrar em estudos bibliométricos do campo de turismo – ver, por exemplo, Ye, Li e Law (2013), Koc e Boz (2014) e Kirilenko e Stepchenkova (2018) –, o presente artigo contempla um amplo conjunto de periódicos, não se restringindo apenas aos que são considerados os principais. Isso segue a recomendação de Jamal, Smith e Watson (2008) e McKercher (2005), de modo a não se restringir a pesquisa a uma fração muito diminuta do campo de conhecimento.

Os periódicos contemplados precisaram cumprir simultaneamente com quatro requisitos. Primeiro, ser uma revista científica publicada no Brasil, com o sistema de dupla avaliação cega por pares para a publicação de artigos. Segundo, o periódico precisa ser de turismo, sem contemplar outra ciência, disciplina ou campo de conhecimento; por exemplo, em virtude disso, a *PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review* foi excluída. Terceiro, em fevereiro de 2019, o periódico precisava estar classificado no Qualis Periódicos, Área Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e Turismo, com, pelo menos, B5 nas classificações de periódicos (quadriênio 2013-2016). Quarto, o periódico precisava estar ativo.

No total, 16 periódicos foram selecionados, a saber: a) *Anais Brasileiros de Estudos Turísticos*; b) *Applied Tourism*; c) *Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo*; d) *CULTUR – Revista de Cultura e Turismo*; e) *Caderno Virtual de Turismo*; f) *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*; g) *Revista Brasileira de Ecoturismo*; h) *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*; i) *Revista Iberoamericana de Turismo*; j) *Revista Latino-Americana de Turismologia*; k) *Revista Rosa dos Ventos*; l) *Revista de Turismo Contemporâneo*; m) *Revista Turismo: Estudos e Práticas*; n) *Revista Turismo – Visão e Ação*; o) *Turismo em Análise*; e p) *Turismo e Sociedade*.

Fez-se apenas uma única exceção; o *Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo* encerrou a publicação de artigos em 2017, mas foi mantido no objeto de estudo, dado que ele estava ainda ativo, no começo da coleta de dados, e continuava avaliado no Qualis Periódicos, em fevereiro de 2019.

Para cada periódico, foram coletados todos os artigos publicados entre 1990 e 2018, inclusive, que já tinham sido disponibilizados em seu sítio eletrônico até 31 de março de 2019. Isso possibilitou a coleta de todos os artigos já publicados nas supracitadas revistas, até essa data.

Para todo e qualquer artigo, foram coletados dois conjuntos de dados. Primeiro, buscaram-se os nomes dos autores e de suas instituições, bem como os dos países onde elas encontram-se. Segundo, foram coletadas todas as citações recebidas por esses trabalhos, por meio do Google Acadêmico (*Google Scholar*). As duas coletas são detalhadas no item dedicado à metodologia de pesquisa.

O artigo apresenta três objetivos principais. O primeiro consiste em construir *rankings* de autores, instituições e países do campo de turismo no Brasil, no que concerne a produção, a centralidade e o impacto, nos períodos 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018. Isso permite a identificação de um grupo seletivo de pesquisadores, instituições e países, a partir dos seguintes critérios:

- a) elementos que aparecem no primeiro centil (1%) dos *rankings* de produção, de centralidade e/ou de impacto, desde o período 1990-1999 até o período 1990-2018; ou seja, pesquisadores, instituições e países que, desde a primeira década (anos 1990), têm aparecido no topo dos *rankings*, permanecendo nele quando se considera o período total (1990-2018);
- b) elementos que aparecem, no período 1990-2018, no primeiro centil (1%) dos três *rankings* construídos – de produção, de centralidade e de impacto; ou seja, pesquisadores, instituições e países que se destacam simultaneamente nos três grupos, para o conjunto de todos os artigos publicados nos 16 periódicos supracitados.

No presente artigo, opta-se por trabalhar com os períodos de forma cumulativa, e não com intervalos estanques/discretos (por exemplo, 1990-1999, 2000-2009 e 2010-2018), que é a forma mais encontrada em estudos bibliométricos do campo de turismo – ver, por exemplo, Benckendorff e Zehrer (2013) e Racherla e Hu (2010). Isso se deve à avaliação de que os autores pioneiros na construção desse campo de conhecimento no Brasil continuam, em sua maioria, ativos, e que as duas instituições que tiveram papéis seminais, tanto na estruturação de programas de pós-graduação *stricto sensu* quanto na editoração das duas revistas científicas mais antigas ainda em publicação (*Turismo em Análise e Revista Turismo – Visão e Ação*), ainda ocupam posições de destaque – a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). O trabalho com períodos de forma cumulativa permite verificar a trajetória do campo de turismo, ao mesmo tempo em que continua a levar em conta todo o conjunto de artigos publicados, em 1990-2018.

O segundo objetivo principal é caracterizar esses elementos identificados, conforme descritos nas letras “a” e “b” anteriores. Dá-se essa classificação por meio do seguinte:

- a) autores: formação acadêmica, atuação profissional, publicação de artigos em periódico (total) e citações totais recebidas (no caso de pesquisadores com perfil no Google Acadêmico);
- b) instituições: país (estrangeiro) ou unidade da federação e grande região (Brasil) onde está localizada, cursos de turismo eventualmente ofertados (graduação e pós-graduação *stricto sensu*) e tipo (pública, privada, confessional etc.);
- c) país: continente e idioma oficial.

O terceiro objetivo principal é comparar os resultados da presente pesquisa com os derivados da métrica híbrida que tem sido amplamente utilizada para a construção de *rankings* de autores, instituições e países, o Índice H (*h-index*).

Esses três objetivos permitem análises particularmente úteis para o campo de turismo no Brasil. A identificação dos autores, instituições e países mais relevantes é útil por si só, ao reconhecer o mérito de elementos que têm uma particularmente alta contribuição ao supracitado campo. Além disso, sua caracterização identifica pontos em comum entre eles, úteis para a compreensão da dinâmica do campo de turismo no Brasil.

O presente artigo permite a comparação entre os *rankings* gerados por várias métricas individuais e pelos três grupos de medidas (produção, centralidade e impacto), mostrando as sobreposições existentes para autores, instituições e países, no que concerne o primeiro centil (1%).

A pesquisa justifica-se por meio de uma série de pontos. A realização de estudos bibliométricos auxilia no reconhecimento do turismo como um importante campo de conhecimento, bem como reconhece as contribuições de pesquisadores e instituições para sua formação.

Leta e Lewison (2003) apontam que, para países em desenvolvimento e/ou cientificamente periféricos, grande parte de sua produção científica não é capturada pelas bases de dados internacionais, dado que ela se concentra em periódicos nacionais e regionais. Santos, Panosso Netto e Wang (2017) e Santos e Rejowski (2013) apontam que há várias dificuldades para se trabalhar e medir o impacto das revistas científicas brasileiras de turismo, dado que elas não constam do *Journal Citation Reports* da *Thomson Reuters*, nem sequer fazem parte de sistemas de arquivamento, a exemplo do *Science Direct* ou do *Jstor*. O presente artigo realizou a coleta de dados que não se encontram reunidos e sistematizados em nenhum outro lugar.

Koseoglu et al. (2016) sintetizam a importância de estudos que tenham características presentes em nosso artigo. Primeiro, não são contemplados apenas um punhado de periódicos; os 16 que formam nosso objeto de estudo consistem no universo de revistas científicas de turismo no Brasil, de acordo com os critérios já apresentados. Segundo, o recorte temporal não se restringe a um período curto; cobrem-se quase 30 anos de produção científica, contemplando o início da publicação das revistas de turismo no Brasil (ainda em publicação). Terceiro, o objeto de estudo abarca um país que pouco produz em idioma inglês.

Na avaliação da qualidade da pesquisa do campo de turismo, McKercher (2005) defende que os artigos publicados em periódicos, que utilizam o sistema de avaliação cega por pares, constituem-se no elemento mais importante para a avaliação da qualidade de uma pesquisa, pesquisador e instituição (artigos de periódico versus outros tipos de publicação).

Os periódicos refletem a estrutura social do campo de conhecimento em determinada região e período temporal, bem como a popularidade e o silêncio em torno de temas e objetos de estudo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Como colocado anteriormente, tem havido um crescimento do número de trabalhos que buscam construir *rankings* de autores, instituições, periódicos e até mesmo países; isso tem sido acompanhado pela adoção, por parte de governos e instituições, de metodologias de avaliação e classificação da pesquisa científica, inclusive para fins de contratação e promoção profissional e de alocação de fundos de pesquisa.

Cumprir destacar que isso tem sido criticado na literatura. Por exemplo, Page (2005) defende que essas tentativas de avaliação e classificação não têm sido, em seu conjunto, benéficas para a pesquisa no campo de turismo. Segundo o autor, elas levam a certo produtivismo acadêmico, que foge à inovação, criatividade e profundidade, para se concentrar em pesquisas de fácil publicação. Além disso, o foco na produção acelerada de artigos de periódico corre o risco de desincentivar trabalhos que exigem um longo período de maturação e mais afeitos a livros, a exemplo de muitos trabalhos seminais publicados nos anos 1970 e 1980.

Dentro desse contexto, têm surgido várias métricas e metodologias para a construção de *rankings*. Segundo Hall (2011), há já certo consenso, dentro dos estudos bibliométricos, de que não é possível medir a qualidade da pesquisa por meio de uma única métrica. Isso se dá em virtude dos seguintes pontos:

- a) o elemento em análise pode ser prejudicado na avaliação, pois a métrica não consegue capturar, pelo menos, um aspecto importante de sua produção científica;
- b) a partir do momento em que a métrica é estabelecida, o elemento em análise pode dirigir seus esforços apenas para maximizar seu desempenho nela, em detrimento de pontos importantes em sua atuação profissional que não estão sob avaliação (Hall, 2011; Bollen, Sompel, Hagberg, & Chute, 2009).

Nenhuma métrica consegue capturar isoladamente todas as facetas da produção científica de autores ou instituições; necessariamente, ela precisa ser utilizada em conjunto com outras medidas, dentro do esforço de construção de *rankings* (Hirsch, 2005; McCarty et al., 2013). De maneira geral, tomando como base os estudos bibliométricos e de análise de redes sociais, as métricas podem ser divididas em avaliativas e relacionais.

As métricas avaliativas objetivam avaliar a produção científica de um determinado elemento, geralmente em comparação com o desempenho de outros autores, instituições ou países. Basicamente, o que se considera como um estudo avaliativo é o trabalho que traz alguma medida de desempenho. Hall (2011) e Koseoglu et al. (2016) dividem esses estudos em três grupos. O primeiro inclui as métricas de produção, cuja base é sempre o número de artigos publicados. O segundo inclui as métricas de impacto, cuja base é sempre o conjunto de citações recebidas.

Por fim, o terceiro grupo traz as métricas híbridas, a exemplo do Índice H, que combinam medidas de produção e de impacto.

As métricas relacionais baseiam-se nas relações existentes na produção científica em análise; por exemplo, a análise das palavras-chave e/ou das referências bibliográficas utilizadas conjuntamente consegue revelar as áreas e os temas mais estudados dentro de uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento (Benckendorff, 2009; Benckendorff & Zehrer, 2013; Racherla & Hu, 2010; Ye, Li, & Law, 2013).

Há também as medidas híbridas, que combinam, em sua forma, aspectos de mais de um grupo de métricas (produção, centralidade e impacto). O Índice H tem sido muito utilizado na literatura; seu número (resultado) indica a quantidade de artigos que têm, pelo menos, essa quantidade de citações cada um – todo o restante possui, cada um, uma quantidade mais baixa de citações (Hirsch, 2005).

De modo geral, altos números no Índice H indicam que determinado elemento tem vários artigos publicados que receberam muitas citações. A utilização de medidas híbridas tem sido defendida por vários autores, a exemplo de McKercher (2008), Benckendorff (2009), Hall (2011) e Ye, Li e Law (2013).

É possível utilizar algumas métricas relacionais de modo avaliativo, a exemplo das medidas de centralidade, como é feito no presente artigo. A base das métricas de centralidade são as relações de coautoria existentes entre autores, instituições e países, como é visto no subitem 2.2 “As métricas de centralidade.”

Por exemplo, Park, Phillips, Canter e Abbott (2011) objetivam medir a produção de autores, instituições e países, no período 2000-2009, tomando apenas os três principais periódicos internacionais de turismo (*Annals of Tourism Research*, *Tourism Management* e *Journal of Travel Research*) e de hospitalidade (*Journal of Hospitality & Tourism Research*, *International Journal of Hospitality Management* e *Cornell Hospitality Quarterly*).

Tendo também como base métricas de produção, Jogaratnam, Chon, McCleary, Mena e Yoo (2005) avaliam os autores e as instituições mais produtivas no campo de turismo, tomando o período 1992-2001 e as revistas *Annals of Tourism Research*, *Journal of Travel Research* e *Tourism Management*. Já McKercher (2008) utiliza a base de dados Google Acadêmico e o *software Publish or Perish*, a fim de identificar os pesquisadores mais influentes do campo de turismo (com viés para as publicações em língua inglesa).

2.1 As métricas de produção

As métricas de produção têm sido amplamente aplicadas para a avaliação e classificação de autores, instituições e países, casos de Jogaratnam et al. (2005), Zhao e Ritchie (2007), Park et al. (2011) e Ye, Li e Law (2013). Basicamente, há duas métricas utilizadas, a saber:

- a) contagem simples: o elemento em questão recebe um ponto pela autoria de um artigo, independentemente do número de autores que assinam o trabalho;
- b) contagem fracionada: a pontuação do artigo é dividida pelo número de autores que assinam o trabalho.

As métricas de produção são importantes para medir o desempenho do elemento em questão, dado que quanto mais alta é a produção, *ceteris paribus*, mais alta é a capacidade de um autor de comunicar os resultados de sua pesquisa. Além disso, ao se trabalhar com artigos de periódico, reconhece-se já a qualidade da pesquisa, dado que o trabalho passou por um processo de avaliação (cega e por pares, na maioria dos casos).

Tanto Zhao e Ritchie (2007) quanto Park et al. (2011) defendem a utilização da contagem fracionada, em detrimento da contagem simples, por aquela prover uma visão mais apurada da produção do elemento em questão. Park et al. (2011) chegam a calcular a contagem fracionada ponderada, por meio da qual a quantidade de pontos recebidos por cada instituição é dividida pelo número de pesquisadores existentes em seu quadro.

Contudo, Zhao e Ritchie (2007) colocam um “porém” ao método de contagem fracionada; não é possível saber a contribuição de cada um dos autores ao trabalho em questão. Dessa forma, a divisão do ponto (crédito) em partes iguais pode não ser igual à contribuição de cada autor para o artigo.

2.2 As métricas de centralidade

Racherla e Hu (2010) apontam a capacidade que pesquisadores centrais, dentro da rede de coautorias, têm de conseguir maiores benefícios de uma mesma pesquisa, em relação a pesquisadores mais periféricos e/ou que são menos conectados, de uma forma geral, nessa rede. Ye, Li e Law (2013) aplicam métricas de centralidade para pesquisadores do campo de turismo, dentro da construção de *rankings*.

As métricas de centralidade medem a importância de um determinado elemento na rede; ou seja, o quão central ele é. Nas redes de coautoria, as métricas de centralidade apontam a importância do elemento em questão, no que concerne sua visibilidade e seu papel como ponto de conexão dentro dessa rede. Destacam-se três métricas de centralidade, a saber:

- a) centralidade de grau: a métrica é igual ao número de relacionamentos (por exemplo, coautorias) com outros elementos da rede;
- b) centralidade de intermediação: a métrica reflete, para um determinado elemento, a frequência com a qual ele aparece entre todos os caminhos mínimos existentes na rede, para todos os pares de elementos;
- c) centralidade *Page Rank*: a métrica objetiva estimar a importância de um elemento da rede, considerando não só a quantidade de seus vizinhos, mas também a importância de cada um deles. A ideia subjacente a essa métrica é que elementos importantes tendem a se relacionar com outros que são também importantes (Bonacich, 1987; Langville & Meyer, 2009).

Na bibliometria e análise de redes de coautoria, a centralidade de grau indica a quantidade de coautores que um pesquisador, instituição ou país tem. Já a centralidade de intermediação mostra a importância do autor em fazer parte de “pontes” (ligações indiretas) entre o conjunto de diferentes autores da rede. Por fim, a centralidade *Page Rank* identifica a importância de determinado autor, considerando a quantidade e importância de seus coautores.

No presente artigo, não foi utilizada a centralidade de proximidade, que reflete a distância média entre determinado elemento e todos os outros da rede. Essa métrica não é definida para redes desconexas – nas quais não há caminhos entre todos os pares de elementos –, e as redes analisadas nesse trabalho são desconexas.

2.3 As métricas de impacto

Como bem sintetizam Ye, Li e Law (2013, p. 54, tradução nossa): “A contagem de citações é o método mais popular de avaliação da pesquisa, dado que é (sic) natural assumir que cientistas influentes sejam citados com mais frequência do que outros.”

A contagem de citações é um dos métodos mais utilizados para a avaliação da qualidade de uma pesquisa, tomando como objeto autores, instituições ou países; as métricas de impacto são muito utilizadas também para avaliar e construir *rankings* de periódicos. Parte-se do princípio de que há uma correlação positiva entre a qualidade da pesquisa e a quantidade de citações que o artigo recebe (Strandberg et al., 2018; McKercher, 2008).

Na utilização de métricas de impacto, considera-se que um artigo citado foi utilizado em outra pesquisa, de modo a melhorá-la, complementá-la, ou prover um contraponto. Considera-se também que todas as citações são iguais, sem haver distinção; a pontuação atribuída é a mesma, independentemente de onde aparece dentro do artigo, ou de como ela é utilizada.

A principal métrica de impacto é a contagem simples de citações recebidas por um determinado artigo científico; ao contrário de o que ocorre nas medidas de produção, não é comum encontrar a contagem fracionada de citações.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Em todas as etapas do trabalho, foram feitas manualmente a coleta de dados de fontes primárias e a revisão dos dados já coletados (verificação em si e desambiguação de nomes).

Foram coletados todos os artigos publicados no conjunto de 16 periódicos selecionados, no período 1990-2018. Foi feito o descarregamento manual de cada arquivo, em formato .pdf. Para o cálculo das métricas de produção e de centralidade, coletaram-se os nomes dos autores que assinam cada artigo, junto com suas instituições e os países nos quais elas encontram-se.

Fazer o processo de desambiguação dos nomes de autores, instituições e países, de forma manual, foi particularmente importante para evitar duplicações, principalmente no caso das autoras. Em muitos casos, há mudanças significativas na maneira como um mesmo autor tem seu nome publicado; para as mulheres, há muitos casos nos quais há a adição ou supressão de sobrenomes, como pôde ser conferido por meio da consulta aos currículos Lattes das pesquisadoras. No total, foram feitas mais de 200 adequações de nomes.

De posse do título de cada artigo, foi procurado seu registro no Google Acadêmico, com a entrada no *link* “Citado por _____,” que traz a lista de todos os trabalhos que citam o artigo em questão. Em alguns casos, foi preciso adicionar outras informações para achar o artigo no Google Acadêmico, como o nome de um autor ou o título da revista.

A busca por citações por meio do Google Acadêmico tem sido defendida por vários autores ativos no campo de turismo, a exemplo de Jamal, Smith e Watson (2008), McKercher (2008), Hall (2011) e Strandberg et al. (2018), inclusive pelo fato de que grande parte de seus periódicos não fazem parte de índices de impacto (Law & Veen, 2008; Hall, 2011; Koseoglu et al., 2016). Outra vantagem do Google Acadêmico é que a ferramenta disponibiliza todas as citações recebidas pelo texto em questão, e não apenas as feitas por artigos de periódico.

Dentro da lista de citações recebidas por determinado artigo, entrou-se, manualmente, em cada um dos textos, preferencialmente no documento original, para verificar se realmente foi feita a citação apontada pelo Google Acadêmico. Para cada citação, foram feitos os seguintes filtros:

- a) trata-se de uma autocitação – há, pelo menos, um autor em comum entre o trabalho citado e o que o cita;
- b) trata-se de um erro – não há um documento constante no Google Acadêmico, ou, caso ele exista, o mesmo não cita o artigo em questão;
- c) trata-se de uma redundância – o mesmo documento aparece mais de uma vez na lista de citações.

Isso permitiu que tenha sido feita a contagem, para cada artigo, das citações nominais e das citações reais; essas últimas são iguais às citações nominais subtraídas das autocitações e dos erros e redundâncias. O processo manual permitiu um ponto cuja falta é vista, na literatura, como uma limitação a quase todos os estudos de citação, a saber: o problema de não se conseguir filtrar as autocitações, no caso de processos automatizados de coleta (Jamal, Smith, & Watson, 2008; Strandberg et al., 2018).

Cada citação foi classificada segundo o tipo de produção, a saber: a) artigo de periódico (campo de turismo); b) artigo de periódico (outros); c) livro; d) capítulo de livro; e) monografia (mestrado/doutorado); f) comunicação (artigo completo publicado em anais de evento técnico-científico); e g) outros. A categoria “outros” reúne tudo que não se encaixa nas demais; na prática, a maior parte das entradas em “outros” consiste em trabalhos de conclusão de curso (graduação) e monografias de cursos de pós-graduação *lato sensu*.

Essa classificação segundo o tipo de produção permitiu o cálculo de três métricas de impacto, e não apenas as citações totais recebidas.

A coleta das citações foi feita ao longo de 2017, 2018 e do primeiro trimestre de 2019, dentro de um trabalho mais amplo de coleta de dados. Para evitar que a diferença de período prejudicasse a coleta das citações, fez-se um esforço concentrado para revisar os dados de todas as revistas, durante a segunda quinzena de abril de 2019, quando foi fechada a coleta de dados.

Foram calculadas as seguintes métricas para os autores, as instituições e os países, por período (1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018):

- a) contagem simples de artigos (número de artigos publicados);
- b) contagem fracionada de artigos;
- c) centralidade de grau;
- d) centralidade de intermediação;
- e) centralidade *Page Rank*;
- f) citações reais: equivalentes ao total de citações nominais subtraídas das autocitações e dos erros e redundâncias;
- g) citações reais menos outros: conjunto de citações reais, com exceção daquelas classificadas como “outros”;
- h) citações periódicos: apenas as citações reais recebidas de artigos publicados em periódicos.

As métricas de centralidade foram calculadas utilizando-se a biblioteca *igraph* versão 0.8.0 da linguagem de programação *Python*. Todas as demais medidas foram calculadas por meio de ferramentas desenvolvidas pelos autores, nas linguagens de programação *Perl* e *Java*. Todos os dados foram organizados por meio de arquivos de texto.

Para o ordenamento dos autores, instituições e países dentro dos *rankings* elaborados, foi utilizada a seguinte metodologia. Primeiro, foi feito o *ranking* de posições para cada uma das métricas calculadas, do resultado mais alto para o resultado mais baixo. Segundo, para cada grupo de métricas, foi retirada a mediana das posições nessas

métricas, e feito o *ranking* para o grupo, da mediana mais alta para a mediana mais baixa. Por fim, a lista consolidada foi construída com todos os autores, instituições ou países que aparecem, pelo menos, em uma das três listas com o primeiro centil (1%) dos grupos de métricas de produção, de centralidade e de impacto. Para a ordenação da lista consolidada, foi utilizada a mediana das medianas dos três grupos de métricas.

Na montagem dos *rankings* das métricas individuais e dos três grupos, foi considerado o conjunto total do elemento em questão (autor, instituição ou país). Para a lista consolidada, foram considerados os elementos que constam do primeiro centil (1%) de, pelo menos, um grupo de métricas.

O Índice H foi calculado apenas para o período 1990-2018, para autores, instituições e países. O índice foi construído com base na contagem simples das citações reais totais (impacto). Os resultados foram comparados com as listas consolidadas para o supracitado período.

4 RESULTADOS: APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO

A coleta de dados revela que há, nos 16 periódicos brasileiros de turismo selecionados, 3.887 artigos publicados no período 1990-2018. Foram coletadas 13.573 citações nominiais, das quais, subtraídos as autocitações e os erros e redundâncias, 10.882 foram tratadas como citações reais (80,17% do total). Para esses 3.887 artigos, a média de citações é de 2,8 por artigo, ao passo que a mediana é igual a 1. Do total, 1.638 artigos (42,14% do total) não receberam nenhuma citação real.

O conjunto de 3.887 artigos apresenta, em sua autoria, 4.915 autores, 1.012 instituições e 46 países únicos.

A Tabela 1 traz a síntese desses dados para os três períodos em análise, para autores, instituições e países, provendo uma visão geral do campo de turismo no Brasil:

Tabela 1 – Dados básicos do campo de turismo no Brasil (periódicos), períodos 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018

	PERÍODO		
	1990-1999	1990-2009	1990-2018
Artigos (número)	181	957	3.887
Autores únicos	165	1.166	4.915
Instituições únicas	67	347	1.012
Países (únicos)	8	21	46
Citações nominiais totais	1.111	6.633	13.573
Autocitações e erros e redundâncias	148	1.017	2.691
Citações reais totais	963	5.616	10.882
Média de citações reais por artigo	5,32	5,87	2,80
Mediana de citações reais por artigo	2	3	1
Porcentagem de artigos sem citação	27,62%	19,85%	42,14%

Fonte: Autores (2020).

4.1 Autores

A Tabela 2 traz a lista consolidada dos autores que, no período 1990-2018, encontram-se no primeiro centil (1%) de um ou mais *rankings* dos grupos de métricas (produção, centralidade e impacto). Em virtude do espaço reduzido, colocam-se apenas a posição ocupada pelos autores para cada grupo, por meio da mediana das métricas utilizadas, sem mostrar os valores nem sequer a posição para cada medida individual.

As cinco últimas colunas mostram em quantos grupos o autor está no primeiro centil (1%). Destas, as três primeiras mostram se ele está no primeiro centil do grupo em questão (1 – sim; 0 – não) – produção (Tag1), impacto (Tag2) e centralidade (Tag3) –, ao passo que a quarta traz sua somatória. Finalmente, a última coluna traz a mediana (resultado) das medianas dos grupos de produção, impacto e centralidade. Segue, abaixo, a Tabela 2:

Tabela 2 – Lista consolidada de autores do campo de turismo no Brasil, 1990-2018

(continua)

#	Autor(a)	Produção	Impacto	Centralidade	Tag1	Tag2	Tag3	Somatória	Mediana das medianas
1	Jose Manoel Goncalves Gandara	1	2	1	1	1	1	3	1
2	Mirian Rejowski	4	3	8	1	1	1	3	4
3	Rivanda Meira Teixeira	3	5	20	1	1	1	3	5
4	Carlos Alberto Cioce Sampaio	4	9	7	1	1	1	3	7
5	Edegar Luis Tomazzoni	4	33	8	1	1	1	3	8
6	Andre Riani Costa Perinotto	8,5	42	2	1	1	1	3	8,5
7	Doris Van de Meene Ruschmann	9	7	22	1	1	1	3	9
8	Maximiliano Emanuel Korstanje	4,5	11	543	1	1	0	2	11
9	Glauber Eduardo de Oliveira Santos	8,5	24	13	1	1	1	3	13
10	Francisco Antonio dos Anjos	14	48	5	1	1	1	3	14
10	Milton Augusto P. Mariani	14	90	5	1	0	1	2	14
12	Luzia Neide Menezes T. Coriolano	14,5	12	24	1	1	1	3	14,5
12	Paulo dos Santos Pires	14,5	8	20	1	1	1	3	14,5
14	Miguel Bahl	15	255	19	1	0	1	2	19
14	Marlusa de Sevilha Gosling	19	47	6	1	1	1	3	19
16	Susana de Araujo Gastal	19,5	113	20	1	0	1	2	20
17	Mario Carlos Beni	21,5	1	3.094	1	1	0	2	21,5
18	Josildete Pereira de Oliveira	23,5	58	17	1	0	1	2	23,5
19	Suzana Maria de Conto	27,5	99	14	1	0	1	2	27,5
20	Raquel Maria Fontes do A. Pereira	24	90	30	1	0	1	2	30
20	Valmir Emil Hoffmann	35,5	17	30	1	1	1	3	30
20	Luiz Octavio de Lima Camargo	47,5	24	30	1	1	1	3	30
20	Marta de Azevedo Irving	54,5	14	30	0	1	1	2	30
24	Maria de Lourdes de A. Barbosa	33	67	19	1	0	1	2	33
25	Maria Henriqueta S. G. G. Minasse	17,5	35	39	1	1	1	3	35
26	Helena Araujo Costa	36	21	53	1	1	1	3	36
27	Luiz Carlos da Silva Flores	28	120	37	1	0	1	2	37
28	Fabricia Durieux Zucco	38	154	15	1	0	1	2	38
29	Wilker Ricardo de M. Nobrega	39,5	252	10	1	0	1	2	39,5
30	Sergio Luiz do Amaral Moretti	43	154	32	1	0	1	2	43
31	Elizabeth Sayuri Kushano	43,5	69	39	1	0	1	2	43,5
32	Kerlei Eniele Sonaglio	33,5	108	44	1	0	1	2	44
33	Francisco Fransualdo de Azevedo	45,5	53	26	1	0	1	2	45,5
34	Tiago Savi Mondo	46	117	20	1	0	1	2	46
35	Alexandre Panosso Netto	107,5	19	49	0	1	1	2	49
36	Airton Jose Cavenaghi	49,5	370	44	1	0	1	2	49,5
37	Marcio Marreiro das Chagas	50,5	11	135	1	1	0	2	50,5
38	Margarita Barretto	51,5	6	207	0	1	0	1	51,5
39	Pedro de Alcantara B. Cesar	13,5	113	53	1	0	1	2	53
39	Zysman Neiman	121	47	53	0	1	1	2	53
41	Karoliny Diniz Carvalho	15	54	305	1	0	0	1	54
42	Janaina de Moura E. Giraldi	55	67	44	0	0	1	1	55
43	Luiz Augusto M. Mendes Filho	56	142	25	0	0	1	1	56
44	Sara Joana G. dos Anjos	61	75	45	0	0	1	1	61
45	Rodrigo de Sousa Melo	61,5	10	63	0	1	0	1	61,5
46	Ivan Rego Aragao	22	200	63	1	0	0	1	63
46	Saulo Ribeiro dos Santos	22,5	501	63	1	0	0	1	63
46	Senia Regina Bastos	35,5	364	63	1	0	0	1	63
49	Elizabeth Kyoko Wada	69	489	53	0	0	1	1	69
49	Silvio Luiz Goncalves Vianna	69	99	53	0	0	1	1	69
51	Maria Noemi Marujo	70,5	20	651	0	1	0	1	70,5
52	Heros Augusto Santos Lobo	26	71	240	1	0	0	1	71
53	Eurico de Oliveira Santos	72	722	34	0	0	1	1	72
53	Christianne Luce Gomes	72	635	44	0	0	1	1	72
55	Julio da Costa Mendes	73,5	81	24	0	0	1	1	73,5
56	Marcelino de Souza	49,5	169	76	1	0	0	1	76
57	Yolanda Flores e Silva	78,5	189	24	0	0	1	1	78,5
58	Jose Antonio Fraiz Brea	84	26	87	0	1	0	1	84
58	Magnus Luiz Emmendoerfer	84	370	43	0	0	1	1	84
60	Olga Tulik	85	16	1.403	0	1	0	1	85
60	Rosana Mara Mazaro	85	49	3.094	0	1	0	1	85
62	Rocio Del Carmen S. Barquin	87	189	9	0	0	1	1	87
63	Marcelino Castillo Nechar	87,5	29	240	0	1	0	1	87,5
64	Thiago Duarte Pimentel	32	469	89	1	0	0	1	89

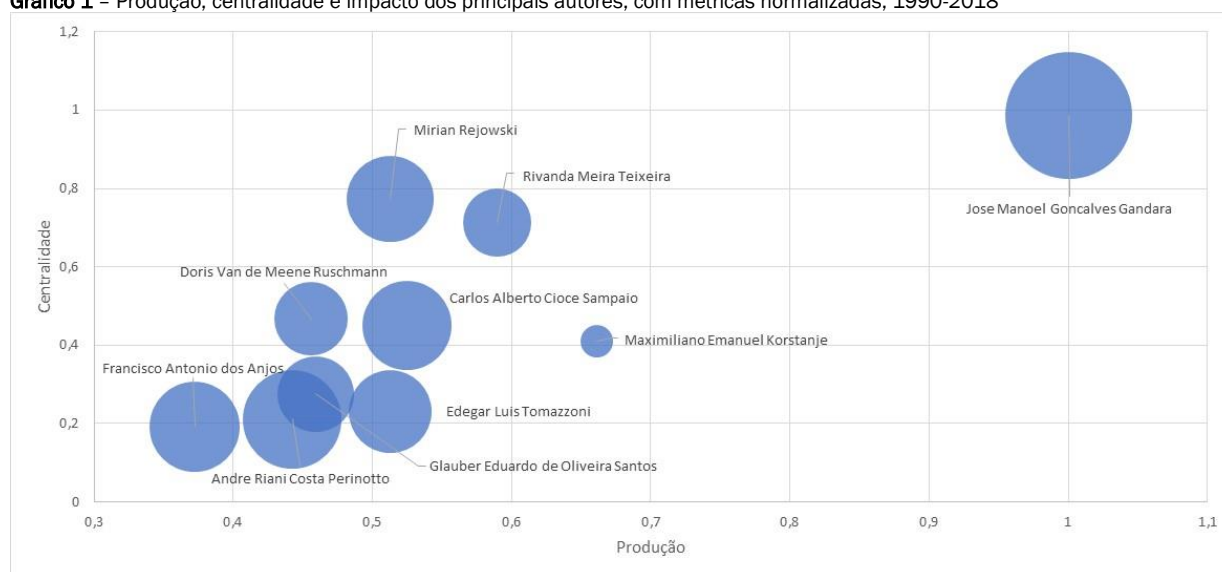
Tabela 2 – Lista consolidada de autores do campo de turismo no Brasil, 1990-2018

(Conclusão)

#	Autor(a)	Produção	Impacto	Centralidade	Tag1	Tag2	Tag3	Somatória	Mediana das medianas
65	Franciele Cristina Manosso	91	24	129	0	1	0	1	91
66	Pablo Flores Limberger	95	173	24	0	0	1	1	95
67	Rafael Angelo Fortunato	38,5	97	114	1	0	0	1	97
68	Marialva Tomio	100,5	34	282	0	1	0	1	100,5
69	Carlos Eduardo Silveira	40	170	110	1	0	0	1	110
70	Thays Cristina Domareski Ruiz	45	163	112	1	0	0	1	112
71	Vander Valduga	115,5	120	30	0	0	1	1	115,5
72	Ivan Burszty	273,5	14	134	0	1	0	1	134
73	Jose Elmar Feger	144,5	455	51	0	0	1	1	144,5
74	Hernanda Tonini	155,5	26	1002	0	1	0	1	155,5
75	Francisco Orgaz Aguera	49,5	252	160	1	0	0	1	160
76	Carlos Marcelo Ardigo	165	1759	53	0	0	1	1	165
77	Marlei Salete Mecca	179	489	44	0	0	1	1	179
78	Jose Ramon Cardona	24	186	240	1	0	0	1	186
79	Angelo Mariano N. Campos	206,5	46	948	0	1	0	1	206,5
80	Davis Gruber Sansolo	265	22	350	0	1	0	1	265
81	Ewerton Reubens Coelho Costa	40	272	1.002	1	0	0	1	272
82	Patricia Monteiro Gorni	275	49	350	0	1	0	1	275
83	Paulo Carvalho	277	40	543	0	1	0	1	277
84	Altair Sancho	334	23	350	0	1	0	1	334
85	Bianca Freire Medeiros	383	42	775	0	1	0	1	383
86	Cassio Avelino S. Pereira	476	45	4.410	0	1	0	1	476
87	Claudio Magalhaes Batista	552	39	3.094	0	1	0	1	552
88	Alfredo Ascanio	34,5	592	4.410	1	0	0	1	592
89	Nathallye Galvao de S. Dantas	679,5	33	3.094	0	1	0	1	679,5
90	Ana Gueimonde Canto	2.708,5	29	914	0	1	0	1	914
91	Isabel Dieguez Castrillon	2.708,5	29	1.002	0	1	0	1	1002
91	Lidia Blanco Cerradelo	2.708,5	29	1.002	0	1	0	1	1002
91	Ana Sinde Cantorna	2.708,5	29	1.002	0	1	0	1	1002
91	Gustavo de M. Melo	2.708,5	37	1.002	0	1	0	1	1002
95	Bertha K. Becker	1.012,5	4	4.410	0	1	0	1	1.012,5
95	Hassan Zaoual	1.012,5	17	4.410	0	1	0	1	1.012,5
97	Rita de Cassia A. da Cruz	1.512,5	42	3.094	0	1	0	1	1.512,5

Fonte: Autores (2020).

Por meio de um gráfico de bolhas, é possível visualizar, com mais nitidez, o desempenho dos principais autores do campo de turismo no Brasil, em cada um dos três grupos de métricas. No gráfico, os valores de produção, de centralidade e de impacto foram normalizados – para valerem de zero (mais baixo valor entre os autores) a um (mais alto valor). O Gráfico 1 traz os dez primeiros autores da Tabela 2 (critério mediana das medianas), no qual o eixo horizontal mede a produção, o eixo vertical traz a centralidade, e o diâmetro do círculo representa o impacto:

Gráfico 1 – Produção, centralidade e impacto dos principais autores, com métricas normalizadas, 1990-2018

Fonte: Autores (2020).

O Gráfico 1 permite uma mais clara visualização de o que a Tabela 2 já mostra. Estar na diagonal principal, e apresentar diâmetro do círculo crescente, são indicativos que produção, centralidade e impacto caminham juntos. Ou seja, autores mais produtivos tendem a ser também mais centrais, e ter mais impacto. Destaca-se a posição de José Manoel Gonçalves Gândara, com altos valores nas métricas dos três grupos.

Nos três períodos de tempo, há 103 autores únicos que aparecem no primeiro centil de, pelo menos, um grupo de métricas. Contudo, em 1990-2018, há apenas 97 autores, conforme aponta a Tabela 2. A investigação dessa tabela e do conjunto de dados dos períodos 1990-1999 e 1990-2009 permite algumas análises particularmente interessantes; destacam-se as seguintes.

A grande maioria dos autores que aparecem no primeiro centil de, pelo menos, um grupo de métricas continua a aparecer na lista consolidada dos períodos subsequentes. Dos cinco autores na lista consolidada do período 1990-1999, quatro (80% do total) aparecem nas listas consolidadas do período 1990-2009 e do período 1990-2018. Já na lista de 1990-2009, dos 21 autores que não aparecem em 1990-1999, 16 (76,19% do total) aparecem na lista consolidada do período subsequente (1990-2018).

Parte disso pode ser explicada pelo fato de o presente artigo trabalhar com períodos cumulativos de tempo; nesse sentido, pesquisadores como Mario Carlos Beni e Mirian Rejowski “saem” na frente de outros autores no cálculo de métricas, dado que sua produção publicada nos anos 1990 entra no cálculo do período 1990-2018.

Contudo, já que a maioria dos artigos foi publicada nos anos 2010, não se avalia que o ponto abordado no parágrafo imediatamente anterior é o mais importante para explicar a permanência de nomes nas listas consolidadas. Avalia-se que há dois fatores que explicam essa permanência, a saber:

- a) o autor tem publicado ao longo das quase três décadas em análise; o caso emblemático é Mirian Rejowski, que aparece nas listas consolidadas dos três períodos. A supracitada docente passou de quatro artigos publicados, em 1990-1999, para 25 (1990-2018); nesse último período, ela ocupa o quarto lugar em produção, o terceiro em impacto e o oitavo em centralidade;
- b) o autor é muito citado ao longo das décadas, mesmo que ele tenha parado ou reduzido seu ritmo de publicação; o caso emblemático disso é Olga Tulik, já que cinco de seus seis artigos foram publicados no período 1990-1999. Já aposentada, ela continua a aparecer no período 1990-2018, única e exclusivamente devido ao grupo de métricas de impacto, no qual ocupa a décima-sexta posição.

Outra análise interessante é que, com o passar das décadas, os autores que se encontram na lista consolidada tendem a estar mais presentes nas listas de mais de um grupo de métricas (primeiro centil), por mais que a maioria esteja apenas em um único grupo, para as listas consolidadas de todos os períodos. Em 1990-1999, apenas Mario Carlos Beni está simultaneamente em mais de uma lista (no caso, produção e impacto); 80% dos pesquisadores encontram-se em apenas um grupo. Dos 25 pesquisadores da lista consolidada do período 1990-2009, três (12% do total) aparecem em todos os grupos, cinco (20%) apenas em duas listas, e o restante (17 – 68% do total) consta em apenas um grupo.

No período 1990-2018, dos 97 pesquisadores, 16 (16,49% do total) estão nos três grupos, 23 (23,71%) em dois grupos, e 58 (59,79%) constam em apenas um grupo. Destaca-se que, dentre os 16 pesquisadores que aparecem simultaneamente nos três grupos, há três dos quatro docentes que estão nas listas consolidadas de todos os períodos – Mirian Rejowski, Doris Van de Meene Ruschmann e Mario Carlos Beni.

Por fim, é interessante ver quem são os pesquisadores que, segundo os critérios do presente artigo, são os mais destacados no campo de turismo no Brasil. Opta-se por selecionar, para essa análise, um subconjunto de autores que cumpram, pelo menos, um de dois requisitos. Primeiro, fazer parte das listas consolidadas de todos os três períodos. Segundo, para o período 1990-2018, estar simultaneamente no primeiro centil de todos os três grupos de métricas.

O supracitado subconjunto é formado pelos seguintes autores: i) Mario Carlos Beni; ii) Doris Van de Meene Ruschmann; iii) Olga Tulik. iv) Mirian Rejowski; v) Jose Manoel Gonçalves Gândara; vi) Rivanda Meira Teixeira; vii) Edegar Luis Tomazzoni; viii) Carlos Alberto Cioce Sampaio; ix) Glauber Eduardo de Oliveira Santos; x) André Riani Costa Perinotto; xi) Francisco Antonio dos Anjos; xii) Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano; xiii) Paulo dos Santos Pires; xiv) Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes Minasse; xv) Marlusa de Sevilha Gosling; xvi) Valmir Emil Hoffmann; xvii) Helena Araújo Costa; e xviii) Luiz Octávio de Lima Camargo.

Para a análise, foi mantido José Manoel Gonçalves Gândara, falecido em 18 de março de 2019, dado que ele fez parte importante do campo de turismo no Brasil. Foi retirada Olga Tulik, em virtude de seu Currículo Lattes ter sua

última atualização em 02 de agosto de 2005. De todo modo, destaca-se que não se desmerece a contribuição da supracitada pesquisadora ao campo de conhecimento.

No que concerne a formação acadêmica, as únicas instituições que se destacam das demais são a Universidade de São Paulo (USP), na qual seis dos 17 pesquisadores fizeram seu doutorado¹, e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com dois. Há outras cinco instituições estrangeiras e cinco nacionais, cada uma delas com apenas um autor.

Em relação à área, a mais presente no doutorado é Ciências da Comunicação, com cinco pesquisadores; destes, quatro fizeram na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), na linha de pesquisa turismo. José Manoel Gonçalves Gândara tinha seu doutorado em Turismo e Desenvolvimento Sustentável. Outras áreas presentes são Administração (4), Engenharia de Produção (2), Geografia (2) e História, Desenvolvimento Sustentável, Ciências da Educação e Ciências Econômicas e Jurídicas, com um pesquisador cada.

Tomando as orientações em andamento, apenas três docentes não possuem nenhuma, ao passo que nove orientam em turismo e cinco em outra área. Desses últimos, Mirian Rejowski e Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes Minasse são credenciadas no Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi (UAM), que pertence a um campo de conhecimento próximo ao de turismo.

Com exceção de André Riani Costa Perinotto (Universidade Federal do Piauí) e de Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano (Universidade Estadual do Ceará), todos trabalham no Sul e Sudeste do país; não há ninguém de instituição estrangeira. A USP, a UAM e a UNIVALI têm, cada uma, três pesquisadores, seguidas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pela Universidade de Brasília (UnB), cada uma delas com dois. A Universidade Positivo e a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) fecham a lista, com um pesquisador cada.

Do total de artigos, varia muito, dentro do subconjunto, o quanto corresponde aqueles publicados nos 16 periódicos brasileiros de turismo, para cada pesquisador em particular. Há certa relação com o fato de a maior parte de seus artigos de periódico, a julgar por seu título e local (revista) de publicação, ser ou não de turismo².

Um resultado que não era esperado é que seis pesquisadores têm apenas a minoria de seus artigos de periódico versando sobre turismo. Para eles, uma porcentagem relativamente baixa de seus artigos encontra-se publicada em nossas 16 revistas – Rivanda Meira Teixeira (22,31%), Carlos Alberto Cioce Sampaio (21,21%), Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes Minasse (31,11%), Marlusa de Sevilha Gosling (12,05%), Valmir Emil Hoffmann (16,88%) e Luiz Octávio de Lima Camargo (20,37%).

De modo geral, os pesquisadores com a maior parte ou mesmo a totalidade de seus artigos de periódico versando sobre turismo têm porcentagens mais altas, a saber: a) José Manoel Gonçalves Gândara (44,88%); b) Edegar Luis Tomazzoni (43,10%); c) Mirian Rejowski (39,68%); d) Glauber Eduardo de Oliveira Santos (56,41%); e) André Riani Costa Perinotto (27,59%); f) Doris Van de Meene Ruschmann (60%); g) Francisco Antonio dos Anjos (37,7%); h) Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano (27,94%); i) Paulo dos Santos Pires (50%); j) Mario Carlos Beni (21,82%); e k) Helena Araújo Costa (36,11%).

Calculou-se também o quanto das citações reais dos artigos publicados nos 16 periódicos de turismo corresponde ao total das citações recebidas pelo autor, verificadas em sua página no Google Acadêmico. Acima de 15%, temos apenas André Riani Costa Perinotto (23,96%) e Edegar Luis Tomazzoni (15,45%). Com mais baixas porcentagens, há Luiz Octávio de Lima Camargo (3,22%), um dos grandes nomes do campo de lazer no Brasil, e Mario Carlos Beni (4,52%); por exemplo, Beni (1998) tem 3.304 citações, de acordo com seu perfil no Google Acadêmico, que correspondem a 64,61% desse autor³.

Por fim, dos 18 pesquisadores (com Olga Tulik), oito são mulheres e dez são homens. E dois docentes orientaram professores que fazem também parte do subconjunto; Mirian Rejowski orientou o doutorado de Edegar Luis Tomazzoni, e Doris Van de Meene Ruschmann foi orientada (doutorado) por Mario Carlos Beni.

¹ Glauber Eduardo de Oliveira Santos tem doutorado pela USP (Administração) e pela Universitat de Les Illes Balears, em Espanha (Ciências Econômicas e Jurídicas), sendo o único do subconjunto com dois títulos de doutor.

² Para cada pesquisador, foi consultado seu currículo Lattes, mais especificamente a parte que traz os artigos completos publicados em periódicos. Para todo e qualquer artigo, procedeu-se sua classificação como sendo de turismo ou outros, por meio da leitura de seu título e, eventualmente, de seu resumo e palavras-chave. Isso permitiu dividir o subconjunto em autores que têm a maior parte ou mesmo a totalidade de seus artigos de periódico versando sobre turismo, e em pesquisadores que têm a minoria deles sobre turismo.

³ Doris Van de Meene Ruschmann, Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano, Marlusa de Sevilha Gosling e Helena Araújo Costa não possuem perfil no Google Acadêmico, ou não foi possível o encontrar. A consulta aos perfis do conjunto de pesquisadores foi feita em 05 de abril de 2020.

É útil comparar os resultados da presente pesquisa com os achados de Santos, Panosso Netto e Wang, por mais que eles contemplem apenas os artigos publicados em quatro periódicos (Turismo em Análise, Revista Turismo – Visão e Ação, Caderno Virtual de Turismo e Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo), no período 1990-2014.

A Tabela 2 de Santos, Panosso Netto e Wang (2017) traz a lista dos 19 autores com mais alta produção (contagem simples), dos quais 12 fazem parte de nosso subconjunto de 18 pesquisadores. Olga Tulik, André Riani Costa Perinotto, Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano, Maria Henriqueta Sperandio Garcia Gimenes Minasse, Marlusa de Sevilha Gosling e Luiz Octávio de Lima Camargo não aparecem na supracitada tabela, ao passo que sete autores nela presentes não fazem parte do subconjunto.

Na Tabela 8, Santos, Panosso Netto e Wang (2017) trazem os autores mais citados pelos artigos que formam seu objeto de estudo. Nela, dentre os 33 listados, apenas cinco pertencem ao subconjunto (Mario Carlos Beni, Doris Van de Meene Ruschmann, Mirian Rejowski, Rivanda Meira Teixeira e Luzia Neide Menezes Teixeira Coriolano). Isso se explica não apenas pelos diferentes conjuntos de artigos e métricas utilizados, mas, principalmente, pela preponderância dos livros sobre os artigos de periódico, na produção dos autores mais citados, com exceção de Rivanda Meira Teixeira.

4.2 Instituições

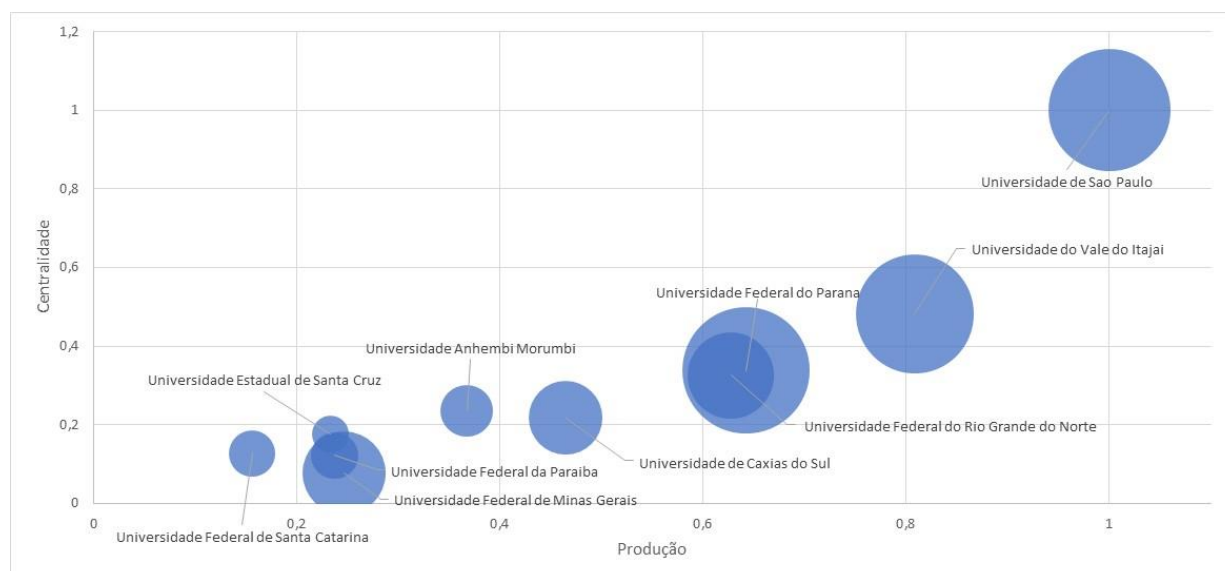
A Tabela 3 traz a lista consolidada das instituições que, no período 1990-2018, encontram-se no primeiro centil (1%) de um ou mais *rankings* dos grupos de métricas (produção, centralidade e impacto). Ela traz a mesma organização e o mesmo tipo de dados presentes na Tabela 2, mas para as instituições. Segue, abaixo, a Tabela 3:

Tabela 3 – Lista consolidada de instituições do campo de turismo no Brasil, 1990-2018

#	Instituição	Produção	Impacto	Centralidade	Tag1	Tag2	Tag3	Somatória	Mediana das medianas
1	Universidade de Sao Paulo	1	1	2	1	1	1	3	1
2	Universidade do Vale do Itajai	2	2	3	1	1	1	3	2
3	Universidade Federal do Parana	3,5	3	1	1	1	1	3	3
4	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	3,5	4	4	1	1	1	3	4
5	Universidade de Caxias do Sul	5	7	6	1	1	1	3	6
5	Universidade Anhembi Morumbi	6	5	11	1	1	1	3	6
7	Universidade Estadual de Santa Cruz	8	8	16	1	1	1	3	8
7	Universidade Federal de Minas Gerais	8	14	5	1	1	1	3	8
9	Universidade Federal da Paraiba	8	10	13	1	1	1	3	10
10	Universidade Federal de Santa Catarina	10,5	9	14	1	1	1	3	10,5
11	Universidade de Brasilia	10,5	12	18	1	1	1	3	12
11	Universidade Federal de Pernambuco	12	13	7	1	1	1	3	12
13	Fundacao Universidade Regional de Blumenau	21	14	9	1	1	1	3	14
14	Universidade Federal de Sergipe	15	11	24	1	1	1	3	15
15	Fundacao Getulio Vargas	23,5	17	10	1	1	1	3	17
16	Universidade Federal do Rio de Janeiro	20	6	33	1	1	1	3	20
17	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	24,5	32	8	1	1	1	3	24,5
18	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	30,5	43	11	1	1	1	3	30,5

Fonte: Autores (2020)

Com a utilização do gráfico de bolhas, assim como foi feito para os autores, visualiza-se, com mais nitidez, o desempenho das principais instituições do campo de turismo no Brasil, em cada um dos três grupos de métricas. O Gráfico 2 traz a mesma organização de dados do Gráfico 1 e valores normatizados, contemplando as dez principais instituições da Tabela 3:

Gráfico 2 – Produção, centralidade e impacto das principais instituições, com métricas normalizadas, 1990-2018

No Gráfico 2, é perceptível que a Universidade de São Paulo e a Universidade do Vale do Itajaí destacam-se das demais, nos três grupos de métricas. A Universidade Federal do Paraná tem diâmetro (impacto) similar ao dessas instituições, mas tem grande dependência de um único autor, José Manoel Gonçalves Gândara, como será visto adiante.

Nos três períodos de tempo, há 18 instituições únicas que aparecem no primeiro centil de, pelo menos, um grupo de métricas. De forma similar ao que ocorre com os autores, a investigação da Tabela 3 e do conjunto de dados dos períodos 1990-1999 e 1990-2009 permite várias análises interessantes; destacam-se as seguintes.

Primeiro, todas as instituições que aparecem nas listas consolidadas de 1990-1999 e/ou de 1990-2009 constam na do período 1990-2018; assim como foi comentado para os autores, parte disso se deve ao trabalho com períodos de tempo cumulativos, o que não explica totalmente o fenômeno.

O ponto que se destaca é que, no período 1990-2018, muitas instituições que não aparecem em períodos anteriores constam nas primeiras posições da lista consolidada, a exemplo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e da UAM. Nesses três casos, as instituições possuem programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo ou em campo de conhecimento próximo; as duas primeiras editam um dos 16 periódicos brasileiros de turismo.

Já a UFSC, a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) aparecem na segunda metade da lista consolidada de 1990-2018, apesar de constarem da dos períodos anteriores. Essas universidades não contam com programas de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, nem sequer editam revistas científicas do campo, com exceção da UFRJ, que edita o Caderno Virtual de Turismo.

Ao contrário do que ocorre no caso dos autores, as instituições que aparecem nas listas consolidadas dos três períodos estão sempre no primeiro centil dos três grupos de métricas. A exceção à regra é a UFSC, para 1990-1999, que não está no grupo de produção. A UFSC aparece apenas nas listas consolidadas dos períodos 1990-1999 e 1990-2018, não fazendo parte da do período 1990-2009.

Com o passar das décadas, houve a dispersão das instituições mais destacadas para todas as grandes regiões do país, com exceção do Norte. Se, em 1990-1999, havia universidades apenas em Santa Catarina (2) e em São Paulo (1), o período 1990-2018 traz cinco instituições no Nordeste, duas no Centro-Oeste, seis no Sudeste e cinco no Sul. As unidades da federação com mais instituições são Santa Catarina e Rio de Janeiro; contudo, a FGV tem sede na antiga capital federal, mas mantém também unidades em São Paulo e no Distrito Federal.

Por fim, tomando o conjunto de 18 instituições da lista consolidada 1990-2018, cumpre ver dois pontos. O primeiro é a oferta de cursos de turismo nessas instituições, nos níveis de graduação e de pós-graduação *stricto sensu*. As seis primeiras colocadas têm tanto uma graduação quanto um programa de pós-graduação *stricto sensu* no campo de turismo, assim como a UFMG e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), a UFSC, a UFRJ e a FGV não possuem graduação nem sequer pós-graduação *stricto sensu* em turismo; o restante da lista possui apenas uma graduação no campo de turismo⁴.

É facilmente perceptível que as mais altas posições são ocupadas por instituições com graduação e pós-graduação *stricto sensu* em turismo ou campo de conhecimento próximo. Além de ter um corpo docente especializado em turismo, lazer e/ou hospitalidade, a existência de programas de pós-graduação *stricto sensu* demanda que os professores credenciados tenham certa produção mínima de artigos, bem como um fluxo contínuo de pesquisas sobre o turismo, na forma de dissertações de mestrado e, eventualmente, de teses de doutorado. Isso ajuda a explicar, principalmente, a alta produção de artigos (contagem simples e contagem fracionada) dessas instituições.

Dentre as 18 instituições, a USP, a UNIVALI e a UFPR ocupam as três primeiras posições em todas as métricas individuais para o período 1990-2018; a exceção à regra fica por conta da contagem fracionada, na qual a UFRN ocupa a terceira posição. Destaca-se que, enquanto a USP e a UNIVALI têm, cada uma, sua produção mais dispersa por muitos autores, a UFPR depende muito de um único autor, José Manoel Gonçalves Gândara – 56 dos 186 artigos publicados pela instituição (30,65% do total) têm sua assinatura. A USP tem Edegar Luís Tomazzoni como pesquisador com mais alta produção (contagem simples) – 18 de 251 artigos (7,17%). A UNIVALI tem como pesquisador mais produtivo Francisco Antonio dos Anjos, com 21 de 219 artigos (9,59%).

Para efeito de comparação, a segunda instituição que mais depende de um autor, na contagem simples, é a UFMG, na qual Marlusa de Sevilha Gosling assina 20 dos 92 artigos da instituição (21,74% do total)⁵.

Por fim, das 18 instituições, 11 são universidades públicas federais, duas estaduais e uma municipal; 14 das 18 (77,78% do total) são instituições de ensino superior públicas. A UNIVALI e a UCS são instituições comunitárias, a FGV é uma fundação de direito privado, e a UAM é a única instituição privada de todo o conjunto. Isso mostra, para o campo de turismo no Brasil, a importância e a primazia das instituições de ensino superior públicas na pesquisa e publicação.

4.3 Países

A Tabela 4 traz a mesma organização e o mesmo tipo de dados presentes nas tabelas 2 e 3, mas para os países:

Tabela 4 – Lista consolidada de países do campo de turismo no Brasil, 1990-2018

# País	Produção	Impacto	Centralidade	Tag1	Tag2	Tag3	Somatória	Mediana das medianas
1 Brasil	1	1	1	1	1	1	3	1
2 Espanha	2,5	2	2	1	1	1	3	2

Fonte: Autores (2020).

Ao contrário do que ocorre com os autores e instituições, os dados da Tabela 4 não permitem análises muito elaboradas acerca dos países. Isso se dá em virtude de o Brasil ter uma posição muito dominante no campo de turismo do próprio país. Por exemplo, no período 1990-2018, ele foi responsável pela publicação de 3.147 artigos, ante apenas 156 da Espanha, a segunda colocada (contagem simples) – 20,17 vezes a mais.

Dois pontos destacam-se. Primeiro, até o período 1990-2009, a Venezuela era o país estrangeiro com mais artigos publicados, tanto na contagem simples quanto na contagem fracionada. Isso se deve à grande quantidade de artigos assinados por docentes da Universidad del Zulia e da Universidad Simón Bolívar, principalmente no periódico *Turismo em Análise*.

No período 1990-2018, a Espanha ocupa o segundo lugar nos grupos de métricas de produção, centralidade e impacto, atrás sempre apenas do Brasil. As duas instituições espanholas com mais altas produção são a Universitat de Girona, com 20 (contagem simples – 12,82% do total da Espanha) e 16 artigos (contagem fracionada – 12,82%), e a Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, com 20 (contagem simples – 12,82%) e 14,5 artigos (contagem fracionada – 11,62%). Junto com a Universidade de Vigo, Universidad de Córdoba e Universitat de les Illes Balears, são responsáveis por 82 dos 156 artigos da Espanha – 52,56% do total (contagem simples).

⁴ As pós-graduações *stricto sensu* da UFMG (Estudos do Lazer) e da UAM (Hospitalidade) não são propriamente de turismo, mas de campos de conhecimento próximos. Registre-se também que a UESC e a UnB tiveram já programas de pós-graduação *stricto sensu*. Por fim, a Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB) possui graduação em turismo apenas na modalidade de ensino à distância.

⁵ Cumpre destacar que o número de artigos atribuídos a cada pesquisador por instituição pode ser diferente de seu total, dado que muitos autores têm sua produção dividida por duas ou mais instituições.

Segundo, apesar da diferença no número de artigos publicados (1990-2018), a Espanha conta com muitas coautorias não presentes para o Brasil, mais especificamente com Cabo Verde, Colômbia, Paquistão, República Dominicana e Venezuela.

4.4 Comparação entre as listas consolidadas e os rankings do Índice H (autores e instituições)

Foi calculado o Índice H para os autores e instituições, no período 1990-2018. No caso dos países, isso não foi feito, dada a grande concentração da produção em autores vinculados a instituições brasileiras.

A Tabela 5 e a Tabela 6 trazem os 97 autores e as 18 instituições, respectivamente, que aparecem nas listas consolidadas das tabelas 2 e 3, com seu Índice H (valor) e suas posições (lista consolidada [#] e Índice H):

Tabela 5 – Índice H de autores da lista consolidada, 1990-2018 (continua)

#	Autor(a)	Índice H	Posição Índice H
1	Jose Manoel Goncalves Gandara	9	1
2	Mirian Rejowski	9	1
3	Rivanda Meira Teixeira	7	3
4	Carlos Alberto Cioce Sampaio	6	4
5	Edegar Luis Tomazzoni	5	12
6	Andre Riani Costa Perinotto	4	19
7	Doris Van de Meene Ruschmann	5	12
8	Maximiliano Emanuel Korstanje	6	4
9	Glauber Eduardo de Oliveira Santos	5	12
10	Francisco Antonio dos Anjos	3	45
10	Milton Augusto P. Mariani	3	45
12	Luzia Neide Menezes T. Coriolano	6	4
12	Paulo dos Santos Pires	5	12
14	Marlusa de Sevilha Gosling	3	45
14	Miguel Bahl	3	45
16	Susana de Araujo Gastal	3	45
17	Mario Carlos Beni	6	4
18	Josildete Pereira de Oliveira	4	19
19	Suzana Maria de Conto	4	19
20	Luiz Octavio de Lima Camargo	3	45
20	Marta de Azevedo Irving	4	19
20	Raquel Maria Fontes do A. Pereira	3	45
20	Valmir Emil Hoffmann	5	12
24	Maria de Lourdes de A. Barbosa	3	45
25	Maria Henriqueta S. G. G. Minasse	4	19
26	Helena Araujo Costa	6	4
27	Luiz Carlos da Silva Flores	3	45
28	Fabricia Durieux Zucco	3	45
29	Wilker Ricardo de M. Nobrega	3	45
30	Sergio Luiz do Amaral Moretti	3	45
31	Elizabeth Sayuri Kushano	4	19
32	Kerlei Eniele Sonaglio	3	45
33	Francisco Fransualdo de Azevedo	3	45
34	Tiago Savi Mondo	3	45
35	Alexandre Panosso Netto	4	19
36	Airton Jose Cavenaghi	2	133
37	Marcio Marreiro das Chagas	6	4
38	Margarita Barretto	6	4
39	Pedro de Alcantara B. Cesar	3	45
39	Zysman Neiman	4	19
41	Karoliny Diniz Carvalho	4	19
42	Janaina de Moura E. Giraldi	4	19
43	Luiz Augusto M. Mendes Filho	3	45
44	Sara Joana G. dos Anjos	3	45
45	Rodrigo de Sousa Melo	4	19
46	Ivan Rego Aragao	2	133
46	Saulo Ribeiro dos Santos	1	521
46	Senia Regina Bastos	2	133
49	Elizabeth Kyoko Wada	2	133
49	Silvio Luiz Goncalves Vianna	3	45
51	Maria Noemi Marujo	3	45
52	Heros Augusto Santos Lobo	3	45
53	Christianne Luce Gomes	2	133

Tabela 5 – Índice H de autores da lista consolidada, 1990-2018 (conclusão)

#	Autor(a)	Índice H	Posição Índice H
53	Eurico de Oliveira Santos	2	133
55	Julio da Costa Mendes	3	45
56	Marcelino de Souza	3	45
57	Yolanda Flores e Silva	3	45
58	Jose Antonio Fraiz Brea	5	12
58	Magnus Luiz Emmendoerfer	1	521
60	Olga Tulik	5	12
60	Rosana Mara Mazaro	3	45
62	Rocio Del Carmen S. Barquin	2	133
63	Marcelino Castillo Nechar	3	45
64	Thiago Duarte Pimentel	2	133
65	Franciele Cristina Manosso	6	4
66	Pablo Flores Limberger	2	133
67	Rafael Angelo Fortunato	3	45
68	Marialva Tomio	4	19
69	Carlos Eduardo Silveira	2	133
70	Thays Cristina Domareski Ruiz	2	133
71	Vander Valduga	3	45
72	Ivan Burszyn	4	19
73	Jose Elmar Feger	2	133
74	Hernanda Tonini	4	19
75	Francisco Orgaz Aguera	2	133
76	Carlos Marcelo Ardigo	1	521
77	Marlei Salete Mecca	2	133
78	Jose Ramon Cardona	2	133
79	Angelo Mariano N. Campos	3	45
80	Davis Gruber Sansolo	4	19
	Ewerton Reubens Coelho		
81	Costa	3	45
82	Patricia Monteiro Gorni	4	19
83	Paulo Carvalho	3	45
84	Altair Sancho	2	133
85	Bianca Freire Medeiros	3	45
86	Cassio Avelino S. Pereira	2	133
87	Claudio Magalhaes Batista	1	521
88	Alfredo Ascanio	2	133
89	Nathallye Galvao de S. Dantas	2	133
90	Ana Gueimonde Canto	1	521
91	Ana Sinde Cantorna	1	521
91	Gustavo de M. Melo	1	521
91	Isabel Dieguez Castrillon	1	521
91	Lidia Blanco Cerradelo	1	521
95	Bertha K. Becker	1	521
95	Hassan Zaoual	1	521
97	Rita de Cassia A. da Cruz	1	521

Fonte: autores (2020).

Tabela 6 – Índice H de instituições da lista consolidada, 1990-2018

#	Autor(a)	Índice H	Posição Índice H
1	Universidade de Sao Paulo	17	1
2	Universidade do Vale do Itajai	13	2
3	Universidade Federal do Parana	11	3
4	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	11	3
5	Universidade de Caxias do Sul	8	7
5	Universidade Anhembi Morumbi	9	5
7	Universidade Estadual de Santa Cruz	9	5
7	Universidade Federal de Minas Gerais	7	9
9	Universidade Federal da Paraiba	6	16
10	Universidade Federal de Santa Catarina	7	9
11	Universidade de Brasilia	7	9
11	Universidade Federal de Pernambuco	7	9
13	Fundacao Universidade Regional de Blumenau	7	9
14	Universidade Federal de Sergipe	7	9
15	Fundacao Getulio Vargas	6	16
16	Universidade Federal do Rio de Janeiro	8	7
17	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	5	21
18	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	5	21

Fonte: Autores (2020).

Há 31 autores da lista consolidada que não estão entre os 97 primeiros, em *ranking* construído por meio do Índice H. Há vários autores que possuem Índice H muito baixo (1 ou 2). O autor com mais alta posição na lista consolidada, e que não se encontra dentre os 97 primeiros no Índice H, é Airtton José Cavenaghi. Por outro lado, há 10

pesquisadores empatados na 19ª posição desse último *ranking*, com Índice H igual a 4, que não fazem parte da lista consolidada.

Para as instituições, há 14 da lista consolidada que estão entre as 18 primeiras do *ranking* feito com o Índice H. A instituição com posição mais alta na lista consolidada, mas que não se encontra entre as 18 primeiras no Índice H, é a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) é a com mais alto Índice H (igual a 7) dentre as que não pertencem à lista consolidada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi calculado um conjunto de métricas de produção, de centralidade e de impacto, construindo *rankings* de autores, instituições e países. Tomou-se como objeto de estudo o campo de turismo no Brasil, entendido como o conjunto de artigos publicados em seus periódicos, de 1990 a 2018. A coleta de dados foi feita manualmente, assim como a revisão e a desambiguação de nomes.

Trata-se de um trabalho inovador na literatura, em virtude do seguinte: a) o conjunto de periódicos de turismo de um país foi estudado, ao invés de apenas um número reduzido de revistas; b) não se centrou a construção de *rankings* em um número reduzido de métricas – foram contemplados os principais grupos (produção, centralidade e impacto); e c) a coleta manual permitiu alta fidedignidade dos dados.

Para o subconjunto de 18 autores, é perceptível a preponderância de vínculo profissional com instituições do Sul e Sudeste do país, não havendo rigorosamente nenhum atuante no Norte nem sequer no Centro Oeste do Brasil.

Ao contrário de o que era esperado, há autores que têm uma baixa proporção de seus artigos publicados nos 16 periódicos brasileiros de turismo. O caso emblemático é Luiz Octávio de Lima Camargo. Orientado no doutorado por Joffre Dumazedier e um dos grandes nomes do campo de lazer no Brasil, ele tem apenas 20,37% de seus artigos publicados nos periódicos supracitados, e somente 3,22% de suas citações derivam desses artigos. Mesmo assim, está na 20ª posição da lista consolidada.

Por meio do Currículo Lattes, é possível caracterizar o conjunto de 97 autores, em pontos como, por exemplo, formação acadêmica (graduação, mestrado e doutorado – instituições e áreas), atuação profissional e histórico de orientação (iniciação científica, mestrado e doutorado). Trata-se de um caminho promissor para pesquisas futuras, de modo a descrever o conjunto de pesquisadores mais importantes do campo de turismo no Brasil, segundo os critérios do presente artigo.

Para as instituições, é perceptível a importância da existência de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em turismo ou em campo de conhecimento próximo (lazer ou hospitalidade). Será interessante ver como instituições que não possuem esse tipo de programa produzirão nos próximos anos, e se conseguirão manter-se na lista consolidada. Ao mesmo tempo, cumpre acompanhar o desempenho de instituições que, fora da atual lista consolidada (1990-2018), possuem programa de pós-graduação *stricto sensu* em turismo, casos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe, da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal Fluminense.

Percebe-se claramente o predomínio de instituições de ensino superior públicas no conjunto de 18 autores – formação acadêmica (doutorado) e atuação profissional – e na lista consolidada de instituições (1990-2018). Isso reforça a noção de que a pesquisa, no Brasil, ainda depende essencialmente de instituições públicas, mesmo tendo havido, nas últimas décadas, um grande crescimento no número de instituições de ensino superior privadas. O campo de turismo não é uma exceção à regra.

A pesquisa revelou que o campo de turismo no Brasil ainda tem relativamente poucos artigos de autoria estrangeira. Além disso, a rede de coautorias é pouco densa; como visto, há vários países que se ligam à Espanha, mas não ao Brasil.

O presente trabalho tem duas limitações principais. Primeiro, a construção dos *rankings* foi feita, única e exclusivamente, por meio dos artigos publicados em 16 periódicos do campo de turismo no Brasil. Isso exclui a produção em livros, capítulos, anais de eventos técnico-científicos e periódicos de outras áreas. Segundo, não foi contemplada a produção em periódicos internacionais de turismo. Desse modo, ao consultar e utilizar os *rankings* construídos e apresentados no presente artigo, é preciso ter claro que eles contemplam apenas uma parte da produção científica do campo de turismo no Brasil.

Para pesquisas futuras, o presente artigo fornece um bom ponto de partida para a caracterização dos principais autores e instituições do campo de turismo no Brasil, listados nas tabelas 2 e 3. Com o auxílio da Plataforma Lattes

e dos sítios eletrônicos institucionais, é possível traçar o perfil dos autores e instituições mais destacados, no que concerne, por exemplo, sua formação acadêmica e atividades de orientação (pesquisadores) e distribuição regional e oferta de cursos de graduação e pós-graduação em turismo (instituições).

O Brasil liga-se a apenas 26 países, dos quais 21 com menos de cinco artigos. No entanto, cumpre destacar o fato de alguns periódicos produzirem edições inteiramente com artigos em inglês ou francês; a Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo publica todos seus artigos com uma versão em inglês. Isso aponta revistas científicas com clara intenção de se internacionalizar.

REFERÊNCIAS

- Benckendorff, P. (2009). Themes and trends in Australian and New Zealand tourism research: A social network analysis of citations in two leading journals (1994–2007). *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 16(1), p. 1–15. <https://doi.org/10.1375/jhtm.16.1.1>
- Benckendorff, P., & Zehrer, A. (2013). A network analysis of tourism research. *Annals of Tourism Research*, 43, p. 121–149. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2013.04.005>
- Beni, M. C. (1998). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Senac.
- Bollen, J., Sompel, H., Hagberg, A., & Chute R. (2009). A principal component analysis of 39 scientific impact measures. *PLoS ONE*, 4(6): e6022. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0006022>
- Bonacich, P. (1987). Power and centrality: a family of measures. *American Journal of Sociology*, 92(5), p. 1.170–1.182. <https://doi.org/10.1086/228631>
- Hall, C. M. (2011). Publish and perish? Bibliometric analysis, journal ranking and the assessment of research quality in tourism. *Tourism Management*, 32(1), p. 16–27. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2010.07.001>
- Hirsch, J. E. (2005). An index to quantify an individual's scientific research output. *PNAS*, 102(46), p. 16.569–16.572. <https://doi.org/10.1073/pnas.0507655102>
- Jamal, T., Smith, B., & Watson, E. (2008). Ranking, rating and scoring of tourism journals: interdisciplinary challenges and innovations. *Tourism Management*, 29(1), p. 66–78. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2007.04.001>
- Jogaratnam, G., Chon, K., McCleary, K., Mena, M., & Yoo, J. (2005). An analysis of institutional contributors to three major academic tourism journals: 1992-2001. *Tourism Management*, 26(5), p. 641-648. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2004.04.002>
- Kirilenko, A. P., & Stepchenkova, S. (2018). Tourism research from its inception to present day: subject area, geography, and gender distributions. *PLoS ONE*, 13(11): e0206820. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0206820>
- Koc, E., & Boz, H. (2014). Triangulation in tourism research: a bibliometric study of top three tourism journals. *Tourism Management Perspectives*, 12, p. 9–14. <https://doi.org/10.1016/j.tmp.2014.06.003>
- Koseoglu, M. A., Rahimi, R., Okumus, F., & Liu, J. (2016). Bibliometrics studies in tourism. *Annals of Tourism Research*, 61, p. 180–198. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2016.10.006>
- Langville, A. N., & Meyer, C. D. (2009). *Google's PageRank and beyond: the science of search engine rankings*. Princeton: Princeton University Press.
- Law, R., & Veen, R. (2008). The popularity of prestigious hospitality journals: a Google Scholar approach. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 20(2), p. 113-125. <https://doi.org/10.1108/09596110810852113>
- Leta, J., & Lewison, G. (2003). The contribution of women in Brazilian science: a case study in astronomy, immunology and oceanography. *Scientometrics*, 57(3), p. 339-353. <https://doi.org/10.1023/A:1025000600840>
- McCarty, C., Jawitz, J. W., Hopkins, A., & Goldman, A. (2013). Predicting author h-index using characteristics of the co-author network. *Scientometrics*, 96, p. 467-483. <https://doi.org/10.1007/s11192-012-0933-0>
- McKercher, B. (2005). A case for ranking tourism journals. *Tourism Management*, 26(5), p. 649–651. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2004.04.003>
- McKercher, B. (2008). A citation analysis of tourism scholars. *Tourism Management*, 29(6), p. 1.226–1.232. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2008.03.003>
- Page, S. J. (2005). Academic ranking exercises: Do they achieve anything meaningful? – A personal view. *Tourism Management*, 26(5), p. 663–666. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2004.05.007>

- Park, K., Phillips, W. J., Canter, D. D., & Abbott, J. (2011). Hospitality and tourism research rankings by author, university, and country using six major journals: the first decade of the new millennium. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 35(3), p. 381-416. <https://doi.org/10.1177/1096348011400743>
- Racherla, P., & Hu, C. (2010). A social network perspective of tourism research collaborations. *Annals of Tourism Research*, 37(4), p. 1.012–1.034. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2010.03.008>
- Santos, G. E. O., Panosso Netto, A., & Wang, X. (2017). Análise de citações de periódicos científicos de turismo no Brasil: subsídios para a estimação de indicadores de impacto. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 11(1), p. 61-88. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v11i1.1105>
- Santos, G. E. O., & Rejowski, M. (2013). Comunicação científica em turismo no Brasil: análises descritivas de periódicos nacionais entre 1990 e 2012. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 7(1), p. 149-167. <https://doi.org/10.7784/rbtur.v7i1.578>
- Strandberg, C., Nath, A., Hemmatdar, H., & Jahwash, M. (2018). Tourism research in the new millennium: a bibliometric review of literature in Tourism and Hospitality Research. *Tourism and Hospitality Research*, 18(3), p. 269–285. <https://doi.org/10.1177/1467358416642010>
- Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), p. 638–657. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(97\)00020-0](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(97)00020-0)
- Tribe, J. (2000). Indisciplined and unsubstantiated. *Annals of Tourism Research*, 27(3), p. 809–813. [https://doi.org/10.1016/S0160-7383\(99\)00122-X](https://doi.org/10.1016/S0160-7383(99)00122-X)
- Tribe, J. (2010). Tribes, territories and networks in the tourism academy. *Annals of Tourism Research*, 37(1), p. 7–33. <https://doi.org/10.1016/j.annals.2009.05.001>
- Zhao, W., & Ritchie, J. R. B. (2007). An investigation of academic leadership in tourism research: 1985–2004. *Tourism Management*, 28(2), p. 476–490. <https://doi.org/10.1016/j.tourman.2006.03.007>
- Ye, Q., Li, T., & Law, R. (2013). A coauthorship network analysis of tourism and hospitality research collaboration. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 37(1), p. 51-76. <https://doi.org/10.1177/1096348011425500>
- Weiner, G. (2001). The academic journal: has it a future? *Education Policy Analysis Archives*, 9(9), p. 1-19. <https://doi.org/10.14507/epaa.v9n9.2001>

Informações sobre os autores

André Fontan Köhler

Graduação em Administração pela Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas (FGV-EAESP), Mestrado em Administração Pública e Governo pela FGV-EAESP e Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Professor Doutor do Curso de Bacharelado em Lazer e Turismo da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Possui credenciamento pleno no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais e no Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas, ambos da EACH-USP.

Contribuições: Concepção da pesquisa, Revisão da literatura, Coleta de dados, Análise de dados, Discussão.

E-mail: afontan@usp.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-8291-1654>

Luciano Antonio Digiampietri

Graduação em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Doutorado em Ciência da Computação pela UNICAMP. Professor Associado do Curso de Bacharelado em Sistemas de Informação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Possui credenciamento pleno no Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação da EACH-USP.

Contribuições: Concepção da pesquisa, Revisão da literatura, Coleta de dados, Análise de dados, Discussão.

E-mail: digiampietri@usp.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4890-1548>